

# Grécia e Roma no universo de Augusto

Ana Maria César Pompeu  
Francisco Edi de Oliveira Sousa  
(Orgs.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

# A IMAGEM DE OTAVIANO NAS *FILÍPICAS* DE CÍCERO (The Portrayal of Octavian in Cicero's *Philippics*)

ADRIANO SCATOLIN<sup>81</sup> (adrscatolin@gmail.com)  
Universidade de São Paulo

RESUMO – O objetivo deste artigo é analisar as estratégias adotadas por Cícero, nas *Filípicas*, para contornar as dificuldades que enfrentou ao assumir, no Senado, a causa de Otaviano contra Marco Antônio. Tais dificuldades concernem à pouca idade do jovem César em 44-43 a.C. (apenas 19 anos), ao nome que recebera em herança do ditador Júlio César e suas possíveis implicações e, por fim, à legalidade de suas ações militares.

PALAVRAS-CHAVE – Cícero, Otaviano, Marco Antônio, *Filípicas*.

ABSTRACT – This paper analyses the strategies used by Cicero in his *Philippics* in order to tackle the difficulties he faced by taking on Octavian's cause against Antony in the senate. Such difficulties consist in young Caesar's young age (he was 19 in 44-43 BC), in the name Octavian inherited from Julius Caesar and its possible implications and in the legality of the former's military actions.

KEYWORDS – Cicero, Octavian, Mark Antony, *Philippics*.

## INTRODUÇÃO

Antes de passar à análise das *Filípicas*, é preciso contextualizar rapidamente o pano de fundo histórico dos discursos<sup>82</sup>. A primeira *Filípica* em que se faz menção a Otaviano é a 3, proferida em 20 de setembro de 44<sup>83</sup>. Mas é preciso recuar alguns meses, até março do mesmo ano, para se entender o que está em jogo neste discurso e nos seguintes. Em 15 de março, César é assassinado na Cúria Pompeia por cerca de 60 conspiradores. Os libertadores, como se autointitulavam, liderados por Marco Bruto, poupam as vidas de Antônio, cônsul naquele ano com César, e de Lépido, o *magister equitum*, concentrando suas ações sobre Júlio César como maneira de indicar que sua rebelião era contra a tirania, representada pelo ditador. Dois dias depois, no templo de Telus, chega-se a um

---

<sup>81</sup> Professor Adriano Scatolin has been Latin Professor at the University of São Paulo since 2003. His research covers Roman Satire and Greek Satyr Drama (the theme of his Master Degree Dissertation, 2000-2003) and Latin Rhetoric (the theme of his PhD thesis, 2004-2009 and of his Post-Doctorate study, 2012-2013). He is currently preparing for publication Cicero's *De oratore* first complete translation into Portuguese and a book on Ciceronian oratory.

<sup>82</sup> Para a contextualização, servimo-nos de Habicht (1990: 76-86) e, sobretudo, da excelente apresentação de Ramsey (2003: 1-10).

<sup>83</sup> Todas as datas são a.C. As datas dos discursos são tomadas a Hall (2002: 274); as das cartas de Cícero, da edição Loeb de Shackleton-Bailey, de que provém também o texto latino usado nas citações. Para o texto latino das *Filípicas*, servimo-nos da edição Teubner organizada por Fedeli.

acordo entre as partes, numa tentativa de restabelecer a paz na cidade depois do caos instaurado pelo assassinato. Assim, decide-se que os *acta Caesaris*, ou seja, as medidas tomadas por Júlio César enquanto esteve no poder, continuariam válidas e que, por outro lado, concedia-se uma anistia geral aos cesaricidas.

O testamento de César é aberto logo em seguida e seu sobrinho-neto, Otávio, é adotado postumamente pelo ditador, passando a ter o direito de usar o nome Gaio Júlio César Otaviano. Concomitantemente, alguns dos cesaricidas partem para assumir seus postos em suas províncias, designadas ainda por César: dentre eles, Décimo Bruto parte para a Gália Cisalpina.

Em junho, Marco Antônio consegue aprovar para si e para seu colega Dolabela, cônsul substituto depois da morte de César, mandatos de cinco anos em suas províncias, depois do fim de seu consulado. Isso significa que Antônio, depois de trocar de províncias com Dolabela e assumir as duas Gálias, substituiria Décimo Bruto, um dos cesaricidas, no comando da Gália Cisalpina, única região da Itália em que há um exército permanente. Na prática, isso significaria que Antônio teria três legiões em mãos, além das cinco deixadas por César na Macedônia para a sua planejada Guerra Parta, que Antônio assumiria; e os cesaricidas ficariam sem exército sob seu controle para equilibrar as forças em jogo, como acontecia até o momento. Ora, Antônio parte de Roma em 9 de outubro rumo a Brundísio, para assumir as legiões que são transferidas da Macedônia.

É nesse contexto que as cartas e os discursos abordados neste artigo se situam: Otaviano começa a montar um exército por iniciativa própria para enfrentar Antônio, e Décimo Bruto envia um edito ao Senado, informando que não cederá sua província a Marco Antônio. Cícero buscará então, na *Filípica* 3<sup>84</sup>, obter do Senado que aprove conjuntamente as ações de Otaviano e Bruto.

### OTAVIANO NAS *FILÍPICAS*: AS ESTRATÉGIAS DE CÍCERO

Para tratar de Otaviano na Cúria, conseguir que seu comando contra Antônio seja ratificado pelo Senado e que o jovem César seja aceito como seu membro, apesar da ilegalidade de ambas as ações, Cícero lança mão de várias estratégias, acostumado que estava a verdadeiros “malabarismos” de raciocínio para se esquivar de dificuldades espinhosas em sua prática oratória. As dificuldades principais dizem respeito: 1) à idade de Otaviano, que tem pouco mais de dezenove anos na época; 2) à memória recente da ditadura de César e do temor, por parte de alguns, de que Otaviano, seu filho adotivo, busque vingança pela morte do pai e aspire,

---

<sup>84</sup> Para alguns estudiosos, como Stroh (2010: 344) e Manuwald (2015: 8), é a *Filípica* 3 que marca o início do que teria sido a coleção original das *Filípicas*, tendo as duas primeiras sido acrescentadas posteriormente ao conjunto de discursos. Como também observa Stroh (2010: 344), o discurso que conhecemos como *Filípica* 2 é citado por Quintiliano como *In Antonium*. O rétor, acrescentemos de passagem, não cita a *Filípica* 1.

também ele, à tirania; 3) à legalidade dos procedimentos. Vejamos então como Cícero enfrenta e contorna tais dificuldades.

### A QUESTÃO DA IDADE

Sabemos, pelo testemunho de algumas cartas de Cícero não destinadas à circulação, que o próprio Arpinate mostra-se receoso, hesitante e desconfiado em relação a Otaviano em virtude de sua idade, de seu parentesco com César, de suas possíveis motivações. Dentre as cartas que chegaram até nós, Cícero aborda a questão, de início, com Ático, a quem pede conselhos a respeito da atitude a tomar em relação ao jovem César. Trata-se de *Att.* 16. 8. 1 [418 SB], uma carta datada de 2 ou 3 de novembro de 44, ou seja, um mês e meio antes da sessão do Senado em que Cícero abordará a questão pela primeira vez, na *Filípica* 3.

Kalendis vesperi litterae mihi ab Octaviano. magna molitur. veteranos qui Casilini et Calatiae <sunt> perduxit ad suam sententiam. nec mirum, quingenos denarios dat. cogitat reliquas colonias obire. plane hoc spectat ut se duce bellum geratur cum Antonio. itaque video paucis diebus nos in armis fore. quem autem sequamur? vide nomen, vide aetatem.

[...] Nas calendas [i.e., 1º de novembro], à tarde, recebi uma carta de Otaviano. Ele tem grandes planos. Conseguiu convencer os veteranos que <se encontram> em Casilino e Calácia a aderir a sua causa. E não é para menos: ele está pagando 500 denários! Planeja percorrer as demais colônias. Está claramente considerando que se faça guerra contra Antônio sob seu comando. Assim, vejo que estaremos em armas em poucos dias. Quem devemos seguir? Veja só o seu nome, veja a sua idade...

Essa é a primeira menção a Otaviano na obra de Cícero no contexto das ações bélicas contra Marco Antônio. É de notar que a iniciativa, o contato, a abordagem vêm de Otaviano. É ele quem escreve a Cícero pedindo conselhos – ou fingindo pedi-los –, é ele quem anuncia que irá assumir um comando privado para enfrentar Antônio<sup>85</sup>. Cícero, apesar de já se ter tornado inimigo de

---

<sup>85</sup> Daí a inadequação da formulação de Narducci (2005: 201), que fala de um “projeto” ciceroniano, o que poderia sugerir que a iniciativa da empresa veio do Arpinate: “Il progetto di Cicerone era di dividere il fronte avversario, di servirsi dell’erede di Cesare per abbattere Antonio togliendogli il supporto del partito cesariano, e di mettere quindi da parte, in un modo o nell’altro, lo stesso Ottaviano”.

Marco Antônio<sup>86</sup>, pede aconselhamento sobre o que fazer<sup>87</sup>. E o motivo dessa hesitação, o que faz Cícero considerar até mesmo aliar-se a Marco Antônio – se podemos tomar à letra suas palavras –, é justamente o nome de Otaviano e sua idade. Por nome, claro está, entenda-se: César; entenda-se: vingança contra os cesaricidas; entenda-se: tirania. E idade, desnecessário dizer, porque Otaviano é então apenas um menino, um *puer*. Estamos bem longe, assim, de um Cícero ingênuo e cegado pela situação, incapaz de enxergar a realidade por causa de seu ódio contra Marco Antônio, como a leitura das *Filípicas* isoladamente nos poderia fazer crer<sup>88</sup>. Um ou dois dias depois, nova carta de Cícero a Ático. Nela, o Arpinate relata o teor das cartas que tem recebido de Otaviano, e podemos perceber as estratégias que o jovem César escolhe para seduzir Cícero e convencê-lo a aderir a sua causa (*Att.* 16. 9 [419 SB], de 4 de novembro de 44).

Binae uno die mihi litterae ab Octaviano, nunc quidem ut Romam statim veniam; velle se rem agere per senatum. cui ego non posse senatum ante Kal. Ian., quod quidem ita credo. ille autem addit ‘consilio tuo’. quid multa? ille urget, ego autem σκήπτωμα. non confido aetati, ignoro quo animo.

Duas cartas de Otaviano chegaram para mim num único dia, e agora para que eu vá imediatamente para Roma: ele pretende agir por intermédio do Senado. Eu lhe respondi que não é possível reunir o Senado antes das calendas [i.e., 1º] de janeiro, que é o que eu realmente penso. Ele acrescenta ainda “segundo

---

<sup>86</sup> Com o discurso de Antônio contra Cícero, na ausência deste, em 19 de setembro (cf. *Phil.* 5. 19), e com a réplica por escrito de Cícero, a *Filípica* 2, se de fato ela foi publicada ainda em vida do autor (Stroh (2010: 336) é categórico em negar tal publicação; Narducci (2005: 200) é mais cauteloso, apenas apontando nossa ignorância da data exata da circulação do discurso; Grimal (1986: 392) acredita na publicação pelo próprio Cícero; Ramsey (2003: 157) apresenta uma boa pesagem das evidências).

<sup>87</sup> *Att.* 16. 8. 2 (texto parcialmente corrompido): *Nunc tuum consilium exquiro. Romamne venio an hic maneo an Arpinum (ἀσφάλειαν habet is locus) fug&gt;am \*\*\* Romam, ne desideremur si quid actum videbitur. hoc igitur explica. numquam in maiore ἀπορίᾳ fui* [“Peço agora o seu conselho. Devo ir para Roma, ficar aqui ou fugir para Arpino? Este lugar é seguro. \*\*\* para Roma, para que não deem por minha falta, caso pareça que algo vai acontecer. Resolva então esse problema. Nunca fui tomado de tamanha perplexidade”].

<sup>88</sup> E como parece entender Habicht (1990: 79), primeiro em relação à *Filípica* 2 (“A uniquely brilliant pamphlet, it lacks a clear political direction. It rather looks as if a pre-existing antipathy on Cicero’s part increased to *uncontrolled anger* when the consul attacked him as a provincial upstart and a political turncoat. If that is correct, then the explanation for this pamphlet belongs to the sphere of psychology.”), depois, de maneira mais geral (“Cicero, for his part, *obsessed by his hate for Antonius*, for that very reason thought him also the archenemy of republican government and liberty.”) – itálico nosso. Muito mais justa e ponderada nos parece a análise de Grimal (1986: 401): “Sa principale préoccupation était d’abattre Antoine, qui perpétuait, pensait-il, la tyrannie de César, ne respectait pas les lois, passait outre à la volonté du sénat et ne pensait qu’à amasser le plus d’argent possible, pour satisfaire son insatiable avidité, au service de ses plaisirs et de ses débauches.”.

os seus conselhos”... Para que me alongar? Ele está me pressionando, eu estou dando desculpas. Não confio em sua idade, não sei quais são suas intenções.

A pressão de Otaviano fica clara nesse testemunho. Primeiro, pelo número de cartas: já são três em poucos dias; segundo, pelo teor: Otaviano quer agir pelo Senado, e conta com Cícero para tal. O que quer isso dizer? Está claro: Otaviano já tomou a atitude de montar um exército por iniciativa própria e privada para enfrentar o atual cônsul, Marco Antônio. Ele sabe que sua atitude é ilegal e criminosa, e que seus planos podem ser dificultados se o Senado tomar medidas a respeito – por exemplo, declarando-o *hostis*, inimigo público. Desnecessário dizer que não se trata de escrúpulos legalistas da parte do filho de César: se assim fosse, ele teria submetido a questão ao Senado *antes* de montar o exército.

Por que Otaviano escolhe Cícero para ser o seu articulador no Senado? Possivelmente por causa de seu notório poder persuasivo e porque Cícero é um dos líderes do Senado pós-guerra civil, que perdeu boa parte de seus grandes expoentes. Também não é de descartar que Otaviano soubesse o quanto Cícero seria manipulável, se lembrarmos o que acontecera na época do chamado “primeiro triunvirato”, quando o Arpinate viu-se humilantemente obrigado a defender até antigos inimigos, como Vatínio, em nome dos interesses de César e Pompeu. E a “sedução” de Cícero, nesta carta, é visível na expressão “*consilio tuo*”. Otaviano dá a entender que a partir de agora Cícero será seu mentor político. Esse era o papel que Cícero sempre desejara: depois de seu consulado, ele tentara exercer influência sobre Pompeu e, posteriormente, sobre César, durante a ditadura deste, mas sempre sem sucesso. Agora haveria a chance de finalmente exercer o tão almejado papel de liderança na República. Retoricamente, Otaviano busca a adequação ao ouvinte, explorando o que crê serem as expectativas de Cícero.

De todo modo, Cícero continua hesitante sobre o que fazer, chegando a admitir a Ático estar dando desculpas para Otaviano. Uma delas é importante: ele alega que não é possível reunir o Senado antes de 1º de janeiro porque é nessa data que os novos cônsules, Hircio e Pansa, assumirão suas magistraturas, e que Marco Antônio deixará de ser cônsul. E o motivo dessa hesitação de Cícero é o mesmo da carta anterior: a idade de Otaviano e suas possíveis motivações. Em outra parte dessa mesma carta, Cícero afirma que, ao contrário de Varrão, aprecia os planos do menino, dando a entender que, militarmente falando, acredita numa possível vitória do jovem César<sup>89</sup>.

---

<sup>89</sup> *Att.16. 9: Varroni quidem displicet consilium pueri, mihi non. firmas copias habet, Brutum habere potest; et rem gerit palam, centuriat Capuae, dinumerat. iam iamque video bellum* [“Varrão não gosta do plano do menino, eu sim. Ele tem tropas sólidas, pode contar com Bruto; e está conduzindo a situação às claras, formando centúrias em Cápua, pagando o soldo. Já estou vendo uma guerra para bem logo.”].

No dia seguinte, nova carta a Ático relatando a evolução da situação. Nela, podemos observar mais um aspecto da tática de sedução de Cícero promovida por Otaviano, bem como Cícero começando a ceder à sua pressão (*Att.* 16. 11. 6 [420 SB], de 5 de novembro de 44).

Ego me, ut scripseram, in Pompeianum non abdidit, primo tempestatibus, quibus nil taetrius; deinde ab Octaviano cottidie litterae ut negotium suscipere, Capuam venire, iterum rem publicam servare, Romam utique statim. ‘αἰδέσθην μὲν ἀνήνασθαι, δεῖσαν δ’ ὑποδέχθαι’. is tamen egit sane strenue et agit, Romam veniet cum manu magna; sed est plane puer. putat senatum statim. quis veniet? si venerit, quis incertis rebus offendet Antonium? Kal. Ian. erit fortasse praesidio, aut quidem ante depugnabitur. puero municipia mire favent. iter enim faciens in Samnium venit Cales, mansit Teani. mirifica ἀπάντησις et cohortatio. hoc tu putares? ob hoc ego citius Romam quam constitueram. simul et constituero, scribam.

6. Não me retirei para minha vila de Pompeia, como escrevera [que faria], primeiro pelo mau tempo, mais terrível do que nunca; em seguida, por receber cartas todos os dias de Otaviano, pedindo que eu tome as rédeas da situação, vá para Cápua, salve novamente a República, [ou] ao menos vá para Roma imediatamente. “Envergonhavam-se de recusar, mas receavam anuir.”<sup>90</sup> No entanto, ele agiu com bastante bravura e continua agindo, irá para Roma com um grande contingente — mas é claramente um menino... Crê que o Senado vai se reunir imediatamente. Quem comparecerá? Se comparecer, quem, dada a incerteza da situação, enfrentará Antônio? Talvez ele ofereça proteção nas calendas [i.e., no dia 1º] de janeiro, ou mesmo o combate aconteça antes. Os municípios apoiam o menino extraordinariamente. Em marcha rumo ao Sâmnio, passou por Cales, parou em Teano. Teve grande acolhida e encorajamento. Você poderia acreditar nisso? Por isso, vou para Roma antes do que havia decidido. Assim que decidir [a nova data], escrevo-lhe.

Como se vê, a carta é um testemunho importantíssimo da pressão exercida por Otaviano sobre Cícero, das dúvidas que tomavam o Arpinate, das táticas de persuasão e sedução do jovem César sobre o mestre da persuasão<sup>91</sup>, dos fatores considerados e pesados por Cícero antes de tomar sua decisão, que na verdade já parece praticamente tomada.

Em primeiro lugar, a pressão: Cícero volta a falar de cartas que chegam todos os dias de Otaviano; em segundo lugar, a sedução: Otaviano insiste no

<sup>90</sup> Hom. Il. 7. 93. Tradução de Lourenço 2013.

<sup>91</sup> Como observa Stroh (2010: 339) com precisão, “[...] Octave, précoce maître en diplomatie, cherche à obtenir la bienveillance de Cicéron qu’il inonde de lettres depuis début novembre, le priant de lui donner de bons conseils et de «sauver l’État une nouvelle fois» – qu’elle est douce à Cicéron cette formule! Cicéron est tiraillé.”.

papel de liderança de Cícero, já acenado anteriormente, e desta vez toca numa questão fundamental da carreira e da vida de Cícero: seu papel, durante seu consulado, em 63, na supressão da chamada Conjuração de Catilina. Ora, se o evento marcara o ápice da carreira de Cícero, quando chegou a receber a denominação de “*parens patriae*”<sup>92</sup>, marcara também o início de seu declínio, que culminaria com seu exílio, cinco anos depois, em 58, em virtude da execução sem julgamento de parte dos conspiradores. Desde então, Cícero tenta a todo custo reconstruir sua autoridade perdida<sup>93</sup>, e a correta percepção do episódio por parte da opinião pública é essencial para isso. Será necessário dizer que Otaviano vai ao âmago da questão ao pedir que Cícero salve *novamente* a República, reconhecendo, portanto, sua façanha de 63?

Em terceiro lugar, a questão da reunião do Senado antes do ano novo: sabemos que o Senado efetivamente se reuniu em 20 de dezembro, o que mostra que Otaviano calculou corretamente seus movimentos. Com relação a essa sessão, ainda incerta no momento da carta – ela aconteceria apenas 45 dias depois –, Cícero especula sobre como a incerteza da situação de crise pode influenciar a presença e, mais importante ainda, a postura dos senadores em relação a Marco Antônio<sup>94</sup>. Ou seja, uma vez mais, poderíamos pensar, guiados apenas pela leitura das *Filípicas*, numa cegueira de Cícero em relação a seu público-alvo de senadores, insistindo meses a fio, apesar da enorme resistência encontrada e dos sucessivos fracassos, para que o Senado declare Marco Antônio inimigo público. Mas o testemunho da carta é inequívoco: antes mesmo de a batalha oratória começar, Cícero tinha plena consciência dos obstáculos que enfrentaria caso decidisse assumir a causa de Otaviano.

Em quarto e último lugar, a questão da idade: Cícero está cada vez mais impressionado com os avanços de Otaviano do ponto de vista militar e com a recepção que estaria tendo entre a população das cidades por que passava em sua

<sup>92</sup> Por iniciativa de Quinto Lutácio Cátulo. Cf. Cic. *Pis.* 6.

<sup>93</sup> Leia-se, a respeito, May (1988: 88-127) e, particularmente, a síntese da questão, à página 89: “His glorious return from exile [...] was the foundation upon which Cicero attempted to rebuild his persona. Still the consular senator, the premier orator of Rome, who had now been recalled in triumph, he took advantage of his current position, if not to whitewash the ignominy of his exile, at least to place his actions in a light as favorable as possible. As a result, the speeches from this period [...] are often as much *apologiae* on behalf of Cicero as political deliberations or defenses of clients. [...] the *post reditum* speeches are the chronicle of Cicero’s quest to reestablish and regain what Madvig called “that ancient eminence of dignity and authority” which had previously marked his ethos.”

<sup>94</sup> Sobre a resistência enfrentada por Cícero no Senado, leia-se Grimal (1986: 400-401). Hall (2002: 282) apresenta um bom balanço das possíveis motivações dos que apoiavam Antônio: a intimidação, como Cícero parece prever na carta a Ático; o desejo de evitar a brutalidade de uma guerra civil; a potencial falta de recursos do Senado para tal guerra civil; e a antiga associação dos senadores com César.

marcha. Mas o que parece freá-lo é justamente a questão da idade de Otaviano, donde a exclamação *sed est plane puer*, “mas é claramente um menino...”.

Antes de passar às *Filípicas*, cabe citar um pequeno trecho de outra carta em que Cícero faz menção à resposta de Ático ao pedido de conselho de *Att.* 16. 8, lembrando que nenhuma das cartas de Ático chegou até nós. Trata-se de *Att.* 16. 14. 1 [425 SB], datada talvez de 12 de novembro de 44.

ad ea autem quae scripsisti (tris enim acceperam III Id. a te epistulas), valde tibi adsentior, si multum possit Octavianus, multo firmitus acta tyranni comprobatum iri quam in Telluris, atque id contra Brutum fore. sin autem vincitur, vides intolerabilem Antonium, ut quem velis nescias.

[... ] Respondendo ao que me escreveu (recebi três cartas suas no dia 11), concordo inteiramente com você: se Otaviano ganhar muito poder, as medidas do tirano serão ratificadas com mais determinação ainda do que o foram no templo de Telus, e isso será desfavorável a Bruto. Mas, se ele for vencido, Antônio se tornará intolerável, como percebe, de modo que não há como saber quem apoiar.

Pelo relato de Cícero, não fica claro se Ático aconselhou que Cícero adotasse um dos lados ou se recomendou a neutralidade, embora o mais verossímil seja esta segunda hipótese. O que está claro é que tanto Ático como Cícero concordam quanto ao fato de que, quem quer que vença, a República estará em má situação do ponto de vista dos cesaricidas e dos demais anticesarianos.

Em resumo: o testemunho das cartas oferece uma perspectiva de “bastidores” que relativiza muito do que Cícero afirma nas *Filípicas*. Na verdade, o caráter tão convincente dos pronunciamentos de Cícero reflete antes sua excelência na arte oratória do que sua convicção íntima na causa que assume<sup>95</sup>. E de forma alguma, há de se reiterar, devemos imaginar um Cícero ingênuo e cego em sua luta contra Marco Antônio: as cartas mostram muito bem que o Arpinate tinha plena consciência dos riscos que havia nos dois lados da disputa. Some-se a isso, enfim, o fato de que uma terceira hipótese, a trégua e a aliança entre Otaviano e Antônio, que seria o desfecho do conflito, dificilmente ocorreria ao Arpinate

---

<sup>95</sup> É preciso deixar claro que não se adota aqui a ideia ingênua de que as cartas revelam o “verdadeiro pensamento” de Cícero, por oposição ao que diz nos discursos. Considera-se apenas que as cartas dão testemunho inequívoco de que Cícero tinha consciência dos problemas que enfrentaria se assumisse a causa de Otaviano, e de que expressar suas dúvidas sobre a causa em público seria contraproducente e não persuasivo. Manuwald (2015: 10-11), em livro publicado depois que a primeira versão deste artigo já fora submetida à publicação, pensa de maneira semelhante: “[...] his private letters from that period (in contrast to his speeches) show that he was not so sure of the validity of the arguments he used in public to achieve the desired effect on the audience [...]”; e “In public, such reservations had to be ignored, so as not to invalidate the policy promoted [...]”.

naquele momento, dada a sua inverossimilhança. Tal hipótese, nem a costumeira *prudencia* de Ático foi capaz de prever naquele estágio<sup>96</sup>.

## AS ESTRATÉGIAS SOBRE OTAVIANO NAS *FILÍPICAS*

### A questão da idade

Passando então às *Filípicas*, de que maneira Cícero aborda a questão da idade de Otaviano perante o Senado e o povo?

Em primeiro lugar, para se referir a Otaviano, ele usa em várias ocasiões o termo *adulescens*, “corrigindo-o” em seguida para *puer*, deixando que o próprio contexto mostre que, apesar da idade, o jovem César já mostra valor e bravura sem iguais. Temos um breve exemplo em *Phil.* 3. 3, a primeira em que Cícero trata de Otaviano, justamente a sessão do Senado de 20 de dezembro de 44 a que já se fez menção.

Quo enim usque tantum bellum, tam crudele tam nefarium priuatis consiliis propulsabitur? cur non quam primum publica accedit auctoritas? C. Caesar adulescens, paene potius puer, incredibili ac diuina quadam mente atque uirtute, cum maxime furor arderet Antoni cumque eius a Brundisio crudelis et pestifer reditus timeretur, nec postulantibus nec cogitantibus, ne[c] optantibus quidem nobis, quia non posse fieri uidebatur, firmissimum exercitum ex inuicto genere ueteranorum militum comparauit patrimoniumque suum effudit: quamquam non sum usus eo uerbo quo debui; non enim effudit: in rei publicae salute conlocauit.

Ora, até quando uma guerra tão grave, tão cruel, tão abominável será repelida por iniciativas privadas? Por que a autoridade pública não intervém o quanto antes? Gaio César [i.e., Otaviano], um jovem — ou, antes, praticamente um menino — de índole e de valor incríveis e absolutamente divinos, quando a loucura de Antônio mais ardia, e quando se temia o seu retorno cruel e funesto de Brundísio, sem que pedíssemos, imaginássemos ou sequer desejássemos, já que isso parecia impossível, montou um exército fortíssimo do grupo invicto dos soldados veteranos, consumindo seu patrimônio — embora eu não tenha usado a palavra que devia, pois ele não o consumiu, mas o investiu na salvação da República.

Como se pode observar, logo após a menção à idade, enfática pelo aposto, há a menção à *indoles* e à *virtus* de Otaviano, que por sua vez são enfatizadas pelos adjetivos *incredibilis* e *divinus*. Note-se, de passagem, que a maneira como Cícero apresenta a questão da legalidade é muito astuta. Constatamos que, na

---

<sup>96</sup> Pelo que podemos depreender do teor de suas cartas, é claro, a partir das alusões de Cícero.

realidade, Otaviano toma a iniciativa como cidadão privado e, portanto, ilegal, de montar um exército e enfrentar o cônsul Marco Antônio. Mas Cícero apresenta a questão como se o Senado é que estivesse atrasado em conferir a autoridade pública à iniciativa de Otaviano<sup>97</sup>! Além disso, justifica, embora não seja uma justificativa explícita, o porquê da atitude do jovem César: o Senado não solicitou a ajuda de Otaviano porque isso não era sequer imaginável! Ou seja, há uma inversão de valores: fica implícito que Otaviano fez bem em aproveitar o momento por conta própria, já que isso não poderia ocorrer aos senadores. A iniciativa de Otaviano revela-se adequada, ademais, pelo risco que Roma corria com o retorno de Antônio à Urbe, risco que é amplificado pela menção à *amentia* de Antônio e à qualificação de seu retorno como *crudelis* e *nefarius*. E mais: além de adequado, Otaviano o faz mediante seu próprio prejuízo, pelo patrimônio próprio empenhado na mobilização do exército – um altruísmo “investido” na salvação da República!

Na *Filípica* 13, Cícero retoma a questão, desta vez explicitamente. Como se sabe, esta *Filípica* é constituída, em grande parte, de uma refutação sarcástica, mordaz e de caráter denegridor de uma carta de Marco Antônio ao cônsul Pansa e a Otaviano<sup>98</sup>. Em *Phil* 13. 24, Cícero critica o fato de Antônio se dirigir a Otaviano pelo vocativo *puer*.

‘et te, o puer’. puerum appellat quem non modo uirum sed etiam fortissimum uirum sensit et sentiet. est istuc quidem nomen aetatis, sed ab eo minime usurpandum qui suam amentiam puero praebet ad gloriam.

“E você, menino...” Ele chama de menino não apenas um homem, mas um homem extremamente corajoso, como já percebeu e voltará a perceber. Esse é mesmo o termo para a sua idade, mas ele não deve de maneira alguma ser mal empregado por quem oferece sua loucura para a glória de um menino.

---

<sup>97</sup> Manuwald (2015: 14) sintetiza com bastante adequação a questão da legalidade e de como Cícero a enfrentou de maneira geral ao longo das *Filípicas*: “Though Cicero intended to re-establish the traditional form of the Republic he approved of, he nevertheless regarded individual initiatives and special measures (even going against Republican conventions) as justified, legitimized by his view of the clash with Antony as an exceptional temporary situation [...]. Therefore Cicero allowed men fighting on his side to be ‘their own Senate’, that is, to take their own decisions and not to wait for official authorization from the Senate: as long as they took what Cicero believed to be the right measures and did what was in line with his idea of the Republic, this was, according to him, appropriate in the circumstances. It is assumed that one would return to normal practice after the conflict.”.

<sup>98</sup> Nesse discurso, Cícero faz um uso prolongado da *dicacitas*, a “mordacidade” jocosa, cáustica e engenhosa de que o personagem Júlio César Estrabão tratara no excursus sobre o riso, no livro 2 do *De oratore* (cf. particularmente 2. 218; 236; 244-247), para responder à carta de Antônio. Leia-se, a respeito, Hall 2002: 288-294.

O que estava apenas sugerido na passagem citada anteriormente é aqui explicitado. Apesar de ser realmente um *puer*, a atitude e o comportamento corajosos de Otaviano já o qualificam como homem. Já Antônio, apesar de *vir*, é *amens*, e é essa disparidade que faz que o combate contra Antônio seja motivo de glória para um mero... menino. Em resumo, apesar de *puer*, Otaviano já se mostra *vir*; Antônio, apesar de *vir*, revela-se *amens*. Se legalmente, deduz-se, a atitude do jovem César é irregular, do ponto de vista moral ela é justificada. Evidentemente, a explicitação da ideia pelo orador destruiria a força do argumento. Na *Filípica* 14, enfim, Cícero antecipa e procura refutar várias objeções que prevê em seus colegas senadores. Uma delas é justamente a questão da idade de Otaviano, como se lê em *Phil* 14. 28:

an uero quisquam dubitabit appellare Caesarem imperatorem? aetas eius certe ab hac sententia neminem deterrebit, quando quidem uirtute superauit aetatem. ac mihi semper eo maiora beneficia C. Caesaris uisa sunt quo minus erant ab aetate illa postulanda: cui cum imperium dabamus, eodem tempore et<iam> spem eius nominis deferebamus; quod cum est consecutus, auctoritatem decreti nostri rebus gestis suis comprobauit.

Ou será que alguém hesitará em denominar César comandante? Sua idade com certeza não impedirá ninguém de pensar assim, visto que ele superou a idade pela bravura. Por sinal, os serviços prestados por Gaio César sempre me pareceram tanto maiores quanto menos eram de esperar de sua idade. Quando lhe concedíamos o comando, depositávamos ao mesmo tempo esperança em seu nome. Depois de obter o comando, ele confirmou a autoridade de nosso decreto com seus feitos.

Cícero antecipa a crítica à idade de Otaviano e a refuta justamente pela constatação de sua bravura – a mesma contraposição observada nos dois trechos anteriores. Aqui, ele desenvolve mais o raciocínio, mostrando que os serviços prestados por Otaviano parecem ainda maiores do que já são justamente em virtude de sua idade. E a explicação é seu nome – o que significa dizer, podemos interpretar dessa maneira, que Otaviano faria jus à linhagem a que pertence, notadamente por se mostrar digno do nome de César.

### **A questão do nome**

O que nos faz chegar à segunda grande dificuldade enfrentada por Cícero nas *Filípicas*: a desconfiança de parte de seu público de que Otaviano estaria agindo por interesse próprio, de que vingaria a morte do pai perseguindo os cesaricidas e de que acabaria por se tornar mais um tirano. Cícero vê-se obrigado a enfrentar essa desconfiança abertamente. E o faz com ousadia, comparando Otaviano e César, na *Filípica* 5, discurso em que Cícero empenha sua palavra

ao Senado, garantindo a conduta futura de Otaviano, como trataremos adiante. A comparação encontra-se em *Phil* 5. 49:

utinam C. Caesari, pa<t>ri dico, contigisset adulescenti ut esset senatui atque optimo cuique carissimus! quod cum consequi neglexisset, omnem uim ingeni, quae summa fuit in illo, in populari leuitate consumpsit. itaque cum respectum ad senatum et ad bonos non haberet, eam sibi uiam ipse patefecit ad opes suas amplificandas quam uirtus liberi populi fer<r>e non posset. eius autem fili longissime diuersa ratio est: qui cum omnibus est, tum optimo cuique carissimus. in hoc spes libertatis posita <e>st, a<b> hoc accepta iam salus, huic summi honores et exquiruntur et parati sunt.

[...] Antes César – refiro-me ao pai – tivesse tido a oportunidade, quando jovem, de ser tão caro ao Senado e aos melhores cidadãos! Como não buscou fazer isso, ele consumiu todas as forças de sua inteligência, que não eram pequenas, na instabilidade popular. Assim, não tendo consideração pelo Senado ou pelos homens de bem, desbravou, para aumentar seu poder, uma trilha que não podia ser tolerada pela bravura de um povo livre. A motivação de seu filho, em contrapartida, é completamente diferente: ele é caríssimo a todos em geral e aos melhores cidadãos em particular. Nele está depositada a esperança de liberdade, dele já recebemos a salvação, para ele as maiores honrarias são pedidas e já foram aprestandas.

A comparação é ousada, como se vê, sobretudo se levarmos em conta que parte do Senado a quem Cícero se dirige era composta de cesarianos e de membros que deviam seu próprio status de senadores a Júlio César<sup>99</sup>. Mas o argumento é bastante tênue: a diferença fundamental entre pai e filho residiria em sua *ratio*, em sua motivação. Enquanto, segundo Cícero, a ascensão de César rumo ao poder absoluto dera-se por sua política *popularis*, logo distante dos homens de bem, o crescimento de Otaviano se daria por outra via, já que, entrando tão jovem no Senado, não precisaria cortejar o povo<sup>100</sup>. E Cícero é ousado a ponto de

---

<sup>99</sup> Embora o público a que o argumento se dirige não seja o de simpatizantes, mas o de opositores de César e de sua ditadura.

<sup>100</sup> Sabemos, por *Att.* 16. 15. 3, de 30 de outubro de 44, da reação de Cícero a um discurso de Otaviano perante o povo, de que recebera uma cópia: *at quae contio! nam est missa mihi. iurat 'ita sibi parentis honores consequi liceat' et simul dextram intendit ad statuam. μηδὲ σωθείην ὑπό γε τοιούτου!* [“e que discurso (uma cópia me foi enviada)! Ele jura: “assim, possa eu conquistar as honrarias de meu pai”, ao mesmo tempo em que estende a mão direita em direção a sua estátua. “Eu é que não gostaria de ser salvo por uma pessoa dessas!”]. A diferença de motivações de César e Otaviano é um expediente, portanto, que beira o inverossímil, se lembrarmos que muito provavelmente os anticesarianos a quem Cícero dirige o argumento também teriam conhecimento da *contio* de Otaviano e da atitude deste perante o povo de maneira geral (lembre-se, por exemplo, dos jogos promovidos pelo jovem César em honra ao pai morto, em julho de 44). Mesmo assim Cícero conseguiu que se aprovassem as honrarias que pedia ao jovem César pela

dar a entender que, tivesse César caído nas graças do Senado quando jovem, seu caminho teria sido diferente!

A comparação com Júlio César é retomada brevemente na *Filípica* 13, mais uma vez num contexto de refutação da carta de Antônio a Pansa e Otaviano, em *Phil* 13. 25:

‘qui omnia nomini debes’. debet uero soluitque praeclare. si enim ille patriae parens, ut tu appellas – ego quid sentiam uidero – cur non hic parens uerior a quo certe uitam habemus e tuis facinerosissimis manibus ereptam?

“... que tudo deve a seu nome...” Deve mesmo e paga muito bem! Ora, se aquele [i.e., César] é o pai da pátria, como você o denomina – depois verei o que penso a respeito –, por que este [i.e., Otaviano] não seria ainda mais verdadeiramente pai, ele por quem certamente preservamos nossas vidas, arrancadas de suas mãos tão criminosas?

Tal como no exemplo anterior, Otaviano é visto mais favoravelmente por Cícero do que César. Desta vez, o efeito é cômico em vários aspectos: primeiro, pela brincadeira que faz com os verbos *debere* e *soluere*, que funciona igualmente em português, “dever” e “pagar”; segundo, por Cícero usar as palavras de Antônio contra o próprio Antônio<sup>101</sup>; terceiro, pelo fato de o elogio de Otaviano se voltar contra o próprio Antônio; quarto, e talvez o mais interessante, porque não de todo explícito, é a ideia que se depreende da comparação: se Otaviano merece elogio por livrar Roma de Antônio, César mereceria vitupério por ter dado Antônio a Roma!

Tornando à *Filípica* 5, Cícero prossegue em sua contraposição de Otaviano a César em *Phil* 5. 50:

cuius igitur singularem prudentiam admiramur, eius stultitiam timemus? quid enim stultius quam inutilem potentiam, inuidiosas opes, cupiditatem domi-

---

iniciativa tomada contra Antônio. Não se deve descartar a ideia de que o uso do argumento, na versão escrita publicada, tinha como um de seus possíveis objetivos buscar moldar a conduta futura de Otaviano. Sobre o elogio nas *Filípicas* e suas diversas funções, cf. Hall 2002: 294-298.

<sup>101</sup> Cf. Cic. *de Orat.* 2. 230: *omnino probabiliora sunt, quae lacessiti dicimus quam quae priores, nam et ingeni celeritas maior est, quae apparet in respondendo, et humanitatis est responsio; videtur enim quieturi fuisse, nissi essemus lacessiti [...]* [“De modo geral, é mais plausível o que dizemos quando provocados do que quando tomamos a iniciativa. É que é maior a rapidez da inteligência que se revela na resposta, e o revide é próprio da natureza humana. De fato, damos a impressão de que nos manteríamos calados, se não tivéssemos sido provocados [...]”]. Embora o caso em questão não seja exatamente o mesmo, já que se trata de uma resposta a um texto escrito, não de uma fala improvisada durante o discurso do adversário, a ideia de demonstração de engenhosidade às custas de quem se ridiculariza está certamente em jogo no discurso de Cícero.

nandi praecipitem et lubricam anteferre uerae, graui, solidae gloriae? an hoc uidit puer: si aetate processerit, non uidebit?

Tememos então a estupidez daquele cuja prudência singular admiramos? Ora, o que há de mais estúpido do que colocar um poder nocivo, uma autoridade impopular, uma sede de dominação funesta e perigosa acima da glória verdadeira, grandiosa, genuína? Ou será que o menino conseguiu perceber isso agora, mas não conseguirá percebê-lo com o avançar da idade?

Aqui, Cícero une a reflexão sobre a idade e a contraposição a César. Ora, se, jovem como é, Otaviano já revelou uma prudência, ou seja, uma sabedoria prática sem igual, segue que, quando mais velho, terá ainda mais sabedoria decorrente de sua experiência. Assim, ao contrário de Júlio César, Otaviano saberá valorizar a verdadeira glória, que Cícero não define, mas que contrapõe à tirania. Observe-se de passagem, a esse respeito, que Cícero retoma aqui, de maneira concentrada e pontual, uma temática que havia explorado mais detidamente em seu primeiro discurso cesariano, o *De Marcello*, em que, dirigindo-se a César perante o Senado, exortava-o a voltar-se para a verdadeira glória<sup>102</sup>, diversa daquela glória enganosa conquistada nos campos de batalha. Ali, a verdadeira glória<sup>103</sup> consistia em reconstruir a República pós-guerra civil<sup>104</sup>; aqui, ao que parece, a verdadeira glória de Otaviano consistirá em não seguir os passos de seu pai, não se tornando ditador depois desta nova guerra civil.

### A questão da legalidade

Passando à terceira grande dificuldade enfrentada por Cícero ao assumir a causa de Otaviano, temos a questão da legalidade. Como Cícero a enfrenta? Em primeiro lugar, ele não apresenta a questão como um problema, não a aborda diretamente. Como visto em nosso primeiro exemplo, ele simplesmente inverte os papéis: se uma visão mais objetiva das evidências descreveria a situação como uma iniciativa privada, ilegal e criminosa da parte de Otaviano, ao montar por conta própria um exército contra um cônsul de Roma, Cícero apresenta a situação como se o Senado é que não tivesse sido rápido o bastante para acompanhar os passos urgentes e necessários de Otaviano para salvar Roma das garras de

---

<sup>102</sup> Como bem observa Grimal (1986: 386) sobre a escrita, no começo de julho de 44, do perdido *De gloria*: “On imagine aisément que Cicéron ait voulu opposer une fausse et une vraie gloire, la première, acquise contrairement à la justice, serait celle de César, la gloire véritable est celle des Libérateurs, car elle rétablissait cette justice violée”. Ainda sobre a questão da *gloria* e seus fundamentos filosóficos em Cícero, leiam-se neste volume as reflexões de François Prost (“Cicéron face à Octave: aspects philosophiques”).

<sup>103</sup> Cf. *Marc.* 7; 9; 12; 19; *in vera laude*, 26.

<sup>104</sup> Cf. *Marc.* 23-30.

Antônio – situação que cabe agora remediar, concedendo o comando ao jovem César e legalizando e legitimando a situação.

Além disso, talvez a principal estratégia de Cícero para enfrentar a questão seja a simples apresentação do *ethos* de Antônio e de Otaviano, baseada no vitupério e na depreciação constantes no caso do primeiro, e no elogio e no louvor hiperbólicos no caso do segundo.

Como essa é uma característica muito recorrente nas *Filípicas*, limitemo-nos a citar os vitupérios e os louvores da *Filípica* 3, que, além de bastante numerosos, dão conta com precisão do contraponto entre Otaviano e Antônio. Começemos por este último. Nas *Filípicas*, Antônio entra para a galeria dos grandes vilões ciceronianos, ao lado de Verres, Catilina, Clódio e Pisão. A estratégia de Cícero é criminalizar e desumanizar Antônio<sup>105</sup>: assim, Antônio é §1: *profligatus ac perditus*, “depravado e dissoluto”; §2: *amens*, “demente”, dotado de *audacia*, “temeridade”; §4: *crudelitatis imbutus*, “impregnado de crueldade”; §5: *pestis*, “flagelo”, “praga” ou “ruína”; §6: *hostis populi Romani*, “inimigo do povo Romano”; no mesmo §6 ele é comparado com Tarquínio Soberbo, e desfavoravelmente; §9: *crudelis, impius, sceleratus*, “cruel”, “ímpio”, “criminoso”; ele entra no Senado acompanhado de *barbari armati*, “bárbaros armados”; ele fez aprovar leis contra os auspícios, e mesmo com auspícios falsos; §10: ele é *impudens*, “impudente” ou “desavergonhado”; ele torturou e trucidou cidadãos romanos; §11: desconsiderou os sacrifícios solenes; §12: ele é *impurus*, “impuro” ou “imoral”; *impudicus*, “desavergonhado”; *effeminatus*, “efeminado”; nunca está sóbrio, mesmo quando está com medo; não é um cônsul de verdade; §18: ele é um *gladiator*, “gladiador”; *vino atque epulis retentus*, “é retido pelo vinho e pelos banquetes”; §6: *ex oratore arator factus sit*, “passou de orador a arador”; §25: *homo adflictus et perditus*, “homem abatido e arruinado”; §27: *praeclarum custodem ovium, ut aiunt, lupum!*, “um belo lobo guardador de ovelhas, como se diz”; *direptor*, “saqueador”; *vexator*, “repressor”; §28: *taeterrima belua*, “um animal absolutamente repugnante”; *quid est in Antonio praeter libidinem, crudelitatem, petulantiam, audaciam?*, “o que há em Antônio além de luxúria, crueldade, petulância, temeridade?”; §29: *etiamne huius impuri latronis feremus taeterrimum crudelissimumque dominatum?*, “toleraremos uma dominação extremamente ignóbil e cruel desse bandido dissoluto?”.

Embora apenas aqui e ali a ideia fique explícita, por exemplo quando afirma que Antônio não é um cônsul de verdade, a estratégia está clara: independentemente da legalidade de suas ações, o risco e o perigo representados por Antônio, seu caráter animalesco, desumano e indecoroso fazem que seja necessário, e urgentemente necessário, declará-lo inimigo público.

<sup>105</sup> Leia-se, nesse sentido, os artigos esclarecedores e complementares de May (1996) e Lévy (1998).

E quanto a Otaviano? Seu retrato, é claro, é bastante diferente. Ele é: §3: *adulescens, paene potius puer, incredibili ac divina quadam mente atque virtute*, “um jovem – ou, antes, praticamente um menino – de índole e de valor incriveis e absolutamente divinos”; §7: ele é dotado de *auctoritas*, “autoridade”; *clarissimus adulescens atque omnium praestantissimus*, “o mais ilustre jovem de todos, e o mais notável”; ele é dotado, §8, *virtute admirabili*, “de um valor (ou “de uma bravura”) admirável”; §14: ele e Décimo Bruto são *praestantissimi duces*, “generais notabilíssimos” e *conservatores rei publicae*, “salvadores da República”; no §15, Cícero se pergunta *Quis enim hoc adulescente castior, quis modestior, quod in iuventute habemus illustrius exemplum veteris sanctitatis?*, “Ora, quem é mais puro do que este jovem, quem é mais moderado, que exemplo mais ilustre encontramos, entre os jovens, da integridade antiga?”; no §27, Cícero interpela Otaviano: *O C. Caesar – adulescentem appello – quam tu salutem rei publicae attulisti, quam improvisam, quam repentinam!*, “Ó Gaio César – refiro-me ao jovem – que salvação você trouxe à República, quão inesperada, quão repentina!”; no §38, Cícero afirma que a proteção de Otaviano e de Décimo Bruto é uma dádiva dos deuses: *Di immortales nobis haec praesidia dederunt: urbi Caesarem, Brutum Galliae*, “Os deuses imortais nos concederam esta proteção: para a Urbe, César; Bruto para a Gália”.

Conforme já observamos, Cícero deixa implícito, após toda essa *laudatio*, que Otaviano, se não tem o direito técnica e legalmente, tem moralmente o direito de exercer o comando que já está exercendo.

Uma estratégia de apoio a essa do elogio de Otaviano é outra que Cícero usa sistematicamente em seus discursos: atrelar os desígnios de Otaviano aos seus, na tentativa de conferir sua autoridade, ou o que ainda resta dela, ao jovem César. Isso acontece em alguns passos das *Filípicas*, por exemplo em *Phil* 3. 19:

quorum consiliorum Caesari me auctorem et hortatorem et esse et fuisse fateor. quamquam ille non eguit consilio cuiusquam, sed tamen currentem, ut dicitur, incitavi.

[...] Reconheço que sou e fui instigador e encorajador de tais desígnios em César. Embora ele não carecesse dos conselhos de ninguém, esporeei o cavalo que já estava correndo, como se diz.

E também em *Phil*. 5. 23:

C. Caesar deorum immortalium beneficio, diuina animi, ingeni, consili magnitudine, quamquam sua sponte eximiaque uirtute, tamen approbatione auctoritatis meae colonias patrias adiit, ueteranos milites conuocauit, paucis diebus exercitum fecit, incitatos latronum impetus retardauit.

Gaio César, graças aos deuses imortais, em virtude de sua divina grandeza de ânimo, de inteligência, de discernimento, percorreu as colônias pátrias por sua

iniciativa e exímia bravura (embora com a aprovação de minha autoridade), convocou soldados veteranos, montou um exército em poucos dias, impediu os ataques violentos de bandidos.

Portanto, Cícero apresenta-se como autoridade que aprova, instiga e exorta a iniciativa de Otaviano, embora não se pretenda o idealizador de seus planos. Até aqui, tudo se encaixa no padrão dos discursos de Cícero, em que a identificação com o réu é estratégia recorrente do Arpinate, conforme apontado. Porém, na *Filípica* 5, Cícero supera a si mesmo, chegando a empenhar a sua palavra, perante o Senado, acerca da conduta futura de Otaviano, garantindo que não se trata de um novo Júlio César (*Phil.* 5. 51):

audeo etiam obligare fidem meam, patres conscripti, uobis populoque Romano reique publicae; quod profecto <pro alio>, cum me nulla uis cogeret, facere non auderem pertimesceremque in maxima re periculosam opinionem temeritatis. promitto, recipio, spondeo, patres conscripti, C. Caesarem talem semper fore cuiem qualis hodie sit qualemque eum maxime uelle esse et optare debemus.

[...] Ouso ainda dar minha palavra, senhores senadores, a vocês, ao povo romano e à República. É evidente que eu não ousaria fazê-lo <por outra pessoa>, uma vez que nenhuma força me obriga a tal, temendo, numa questão tão importante, a perigosa reputação de temeridade. Prometo, garanto, asseguro, senhores senadores, que Gaio César será sempre o cidadão que é hoje e que devemos particularmente querer e desejar que seja.

Infelizmente para Cícero, a reputação de temeridade foi o menor dos problemas que se seguiram. Ora, Otaviano, como se sabe, não continuou sendo o que era até então. Com a aliança de Otaviano com Marco Antônio e Lépido e a elaboração da lista de proscritos, os inimigos dos triúnviros que seriam executados e teriam suas propriedades confiscadas, Cícero estava condenado: ele seria executado em 7 de dezembro de 43. Embora seja esse o resultado final, cabe insistir: apesar das aparências, Cícero não é um peão ingênuo nas mãos de Otaviano. Ele estava plenamente consciente, antes de abraçar a causa do jovem César, de que tomar posição em qualquer dos lados era problemático, e que sua melhor hipótese seria escolher o menor dos males. Mesmo com relação à conduta de Otaviano, Cícero sabe, como se percebe pela carta a Marco Bruto de 21 abril de 43 (*Fam.* 1. 3. 1), que seria muito difícil continuar no caminho que segue, embora valha a pena tentar influenciá-lo nesse sentido.

Nostrae res meliore loco videbantur. scripta enim ad te certo scio quae gesta sint. qualis tibi saepe scripsi consules, tales exstiterunt. Caesaris vero pueri mirifica indoles virtutis. utinam tam facile eum florentem et honoribus et gratia regere ac tenere possimus quam facile adhuc tenuimus! est omnino illud difficilium,

sed tamen non diffidimus. persuasum est enim adulescenti, et maxime per me, eius opera nos esse salvos; et certe, nisi is Antonium ab urbe avertisset, perissent omnia.

A nossa situação parece melhor. Tenho certeza de que lhe escreveram relatando o que aconteceu. Os cônsules têm se mostrado exatamente como lhe escrevi tantas vezes. Quanto ao menino César, é extraordinária a índole de sua bravura. Possa eu governá-lo e contê-lo tão facilmente, no auge de suas honrarias e de sua popularidade, quanto o contive até o momento! É sem dúvida bastante difícil, mas não perco as esperanças. O jovem está convencido, e sobretudo por meu empenho, de que fomos salvos por sua obra. E a verdade é que, se ele não tivesse afastado Antônio da Cidade, tudo estaria perdido.

Assim, é preciso esquecer a ideia de que Cícero não sabia o que está fazendo ao solicitar ao Senado que conferisse a autoridade pública, um comando e honrarias, entre elas entrar para o Senado, a Otaviano; a ideia de que Cícero estaria, sem perceber, criando um monstro, que depois se voltaria contra ele. O testemunho das cartas, antes e, como neste último exemplo, depois das *Filípicas*, revela que o Arpinate tinha plena consciência de que escolhia, de acordo com sua concepção, o menor dos males ao decidir assumir a causa de Otaviano no Senado, e que seria muito difícil controlá-lo depois de seu crescimento. Dadas as condições que Cícero enfrentava, não se pode culpá-lo, mais justo seria antes louvá-lo pela coragem demonstrada e pela mobilização, pela causa da República, da única arma que sabia empunhar, a palavra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Grimal, P. (1986), *Cicéron*. Paris.
- Habicht, Ch. (1990), *Cicero the Politician*. Baltimore and London.
- Hall, J. (2002), “The *Philippics*”, in: May, J. M. (ed.), *Brill’s Companion to Cicero – Oratory and Rhetoric*. Leiden, Boston, Köln.
- Lévy, C. (1998), “Rhétorique et philosophie: la monstruosité politique chez Cicéron”, *R. É. L.* 76: 139-157.
- Lourenço, F. (trad.) (2013), in Homero, *Iliada*. São Paulo.
- Manuwald, G. (2015), *Cicero*. London, New York.
- May, J. M. (1996), “Cicero and the Beasts”, *Syll. Class.* 7: 143-153.
- \_\_\_\_\_ (1988), *Trials of Character – The Eloquence of Ciceronian Ethos*. Chapel Hill and London.
- Narducci, E. (2005, 2ª ed.), *Introduzione a Cicerone*. Roma, Bari.
- Ramsey, J. T. (ed.) (2003), *Cicero – Philippics I–II*. Cambridge.
- Stroh, W. (2010), *La puissance du discours* (traduit de l’Allemand et du Latin par S. Bluntz). Paris.